

O Grafite e os Grafiteiros: a Relação Entre o Grafite e a Comunicação¹

Fernanda de Façanha e CAMPOS²
Alessandra Oliveira ARAÚJO³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

A produção deste artigo surge a partir da realização do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade” que discute como é a cena do grafite em Fortaleza. Esta produção aprofunda a questão da relação entre comunicação e grafite na cidade de Fortaleza. Este artigo terá como base o primeiro capítulo do livro, “O grafite e os grafiteiros”, e as entrevistas feitas com diferentes grafiteiros de Fortaleza. A pesquisa utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e entrevistas com grafiteiros da cidade com o objetivo de aprofundar a temática e entender como os autores fazem a relação entre a comunicação e o grafite. Para fazer as análises das entrevistas utilizamos os autores Alessandra Oliveira Araújo, Tarcísio Bezerra Martins Filho e Lucas Marinho (2015), Ricardo Campos (2016) e Celso Gitahy (2011).

Palavras-chave: comunicação; cidade; grafite.

Introdução

Com o intuito de entender a relação entre a comunicação e cidade, a partir do envolvimento no grupo de pesquisa Jornadas Urbanas e Comunicacionais, Jucom, e elaboração do primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade” esta pesquisa foi feita. A percepção do vínculo entre o grafiteiro e a cidade, desde os interesses por grafitar a ir à rua pintar os muros, foi um dos objetivos do capítulo “O grafite e os grafiteiros”, que se resume a um panorama sobre o grafite em Fortaleza a partir do olhar dos grafiteiros que compõem a cena na cidade atualmente.

Os grafiteiros entrevistados para este capítulo do livro-reportagem advém de diferentes bairros da cidade, possuindo assim diferentes formações e compreensões

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: fernandedefacanhac@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.com.br alessandraoliveira@unifor.com.br

sobre a cidade. A partir do procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica, uma revisão foi feita e utilizamos os autores Alessandra Oliveira Araújo, Tarcísio Bezerra Martins Filho e Lucas Marinho (2015), Ricardo Campos (2016), Celso Gitahy (2011) e Glória Diógenes, Ricardo Campos e Cornelia Ercket (2016). A busca pelos diferentes olhares sobre a cidade, com ênfase em Fortaleza, é contínua e este trabalho é um recorte deste cenário na cidade.

Grafite e a comunicação

O grafite composto por diferentes formas, cores, letras e tamanhos contribui para compor a cidade e o início dessa manifestação se deu por causa de protestos e descontentamentos com opiniões diferentes sobre determinados acontecimentos. Conforme os autores Alessandra Oliveira Araújo, Tarcísio Bezerra Martins Filho e Lucas Marinho (2015), no artigo “Os muros que falam: a comunicação na cidade”, explicam que o grafite iniciou a partir de protestos estudantis na Europa em meados de 1968. As intervenções artísticas, como palavras de ordem pintadas nas paredes, foram usadas pelos manifestantes como forma de serem ouvidos pela sociedade, tornando o muro como um veículo de comunicação com o governo e a mídia. Assim, estes expressavam através do grafite o que pretendiam, já que não havia representatividade desse público na mídia.

Para os autores o caráter do grafite remetia a opiniões e discursos considerados marginalizados. Após isso, surgiu o grafite contemporâneo.

O caráter de contestação imprimia nos muros um discurso que estava à margem, mas precisava ser visível, gerando a necessidade do surgimento do grafite contemporâneo. O grafite vai ganhar cores e formas com o uso da lata de tinta portátil, o spray (ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, Tarcísio Bezerra Martins; MARINHO, Lucas, 2015, p.101)

É definida pelos autores a busca dos jovens pela demarcação de um território e, conseqüentemente, de visibilidade da causa pela qual lutam. Assim, há considerações acerca das propostas dessas marcas na cidade. “A ‘marca’ do jovem imigrante representava a luta por visibilidade, a demarcação de um território, a possibilidade de “redecorar” a cidade, e logo os outros grupos sociais excluídos resolveram adotá-la” (ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, Tarcísio Bezerra Martins; MARINHO, Lucas, 2015, p. 102).

De acordo com o sociólogo português, Ricardo Campos (2016), no artigo

“Visibilidades e invisibilidades urbanas”, ao tornar algo visível, a atenção não será dada apenas ao objeto, mas também ao sujeito que produziu. Assim, Campos (2016) considera que a partir de suas ações o sujeito revela seus objetivos. “O ‘objecto’ revela-se nas suas qualidades semióticas; o ‘sujeito’ revela-se nos seus propósitos” (CAMPOS, 2016, p.55).

Campos (2016) atribui que a visão é um dispositivo estratégico e determinante para as relações de poder serem estabelecidas. Em foco no grafite, esta relação é tida a partir de quem o produz a quem o vê, na tentativa de atingir um público específico ou diverso sobre alguma temática. A intervenção em um muro pode ser palavras escritas, desenhos ou até *stickers* que apresentam mensagens para serem decodificadas, interpretadas.

No livro “Porque pintamos a cidade?”, Campos (2010) afirma que o muro, o local onde a maioria das intervenções são feitas, pode vir a ser um lugar de ordem e também de confronto. Complementando este pensamento, Alessandra Oliveira Araújo, Tarcísio Bezerra Martins Filho e Lucas Marinho (2015), observam que esse ato de desobediência, um grito, foi presente em diferentes cidades em que ocorreram a presença de confrontos entre pensamentos contraditórios. Assim, a expressão por meio do grafite tornou-se um ato um público marginal ter voz. “A necessidade de usar os muros para “gritar” suas causas percorreu o mundo – passou por Berlim, Roma, Praga, Berkeley e Woodstock – e constituiu-se como a primeira fase do grafite” (ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, Tarcísio Bezerra Martins; MARINHO, Lucas, 2015, p. 101).

Em meio a este conjunto de enfrentamentos está a revelação da comunicação, já que estas intervenções feitas pretendiam, e ainda persistem, em comunicar algo a alguém.

Este aglomerado de signos pictóricos, de grafias impenetráveis, de traços aparentemente caóticos espelha diferentes vontades enunciativas, modos distintos de utilizar a arquitetura e o mobiliário urbano. Estas mensagens tem uma autoria e um destinatário. Quem utiliza o espaço público para comunicar fá-lo com um intento, assumindo este suporte como um veículo de transmissão de algo a alguém(CAMPOS, 2010, p.77).

A intenção de comunicar, desde a escolha do local ao que será comunicado, acontece de acordo com a decisão do artista, que por sua vez não necessariamente deve ter traços perfeitos, mas um olhar aguçado para expor a mensagem de acordo com

diferentes circunstâncias. Estas são, por exemplo, o local que está sendo feita a intervenção e o cenário político e cultural da cidade ou país.

Outra questão debatida por Campos (2010) é a transgressão, o ato de agir em um território proibido, ou seja, a satisfação decorrente da desobediência e rebeldia do ato de grafitar.

O graffiti anuncia um duplo sentido comunicacional. Em primeiro lugar, a mensagem em si (o conteúdo), de natureza verbal ou icônica, que transporta um determinado significado. Em segundo lugar a transgressão em si (a ação), transmitindo dissidência e recusa da norma (CAMPOS, 2010, p. 83).

A assinatura do artista, denominada por Campos (2010) como *tag*, também dar valor à mensagem, já que a cotidiana relação do público com os variados nomes pode obter diferentes olhares, interpretações e diversas percepções sobre aquela intervenção.

A presença de diversas *tags* em uma cidade é a comprovação de que há diferentes grafiteiros, pichadores e transeuntes. Conforme Massimo Canevacci (1997), a polifonia é a combinação de uma ou mais melodias em uma só composição, compondo assim o coro polifônico de determinada cidade. Esse coro pode ser formado por diferentes vozes vindas de diferentes localizações de uma cidade. “Uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem [...]” (CANEVACCI, 1997, p. 15).

Fortaleza e os Grafites: a Relação com os Grafiteiros

Em Fortaleza, o grafite está em ascensão, mas ainda há muitas conquistas a serem realizadas visto que este tipo de expressão artística pode representar uma atitude de resistência de um segmento visto como marginalizado, considerando até um modelo efêmero de expressão artística, política e social. Porém, o grafite representa a arte fora da galeria, fora do estúdio. É uma linguagem de comunicação de fácil visibilidade, atrativa ao olhar de muitos transeuntes. Porém, a interpretação é pessoal, ou seja, é como essa linguagem toca e ativa a sensibilidade das pessoas.

Conforme as entrevistas realizadas com quatro grafiteiros, no período de fevereiro a março de 2017 para a construção do primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade” há informações peculiares em cada relato. A maioria discute sobre o grafite na cidade, no espaço urbano, como houve o surgimento em Fortaleza e seus olhares acerca do tema.

Nas paredes os olhos desenhados por ele são marcados por um traço reto, a principal característica dos grafites de Thyago Cabral, que assina como ‘Thyagocnc’. Ele grafita há oito anos pelas ruas de Fortaleza, em diferentes bairros, com o projeto “Histórias sem quadrinhos”, com o intuito de fazer conexões entre as pessoas e a cidade, a partir da criação de diversas tirinhas que estão espalhadas pelo espaço urbano. Cada parte da história possui uma fotografia salva por ele no Google Maps, onde o internauta pode olhar o local em que estão todas as histórias. “Eu usei a cidade como as páginas e aí vou desenhando as histórias que tanto podem ser percebidas como independentes, como também, podem ser parte de um conjunto”⁴, explicou Thyago em entrevista.

Seus personagens, a maioria com celular na mão, recebem mensagens de texto que explicam sobre o lugar em que o grafite está. Por exemplo, na Rua Costa Barros próximo de chegar à Avenida Dom Manuel, no bairro Centro, a mensagem diz: “O nome do cadeirante é Seu Marcos”.



Projeto “Histórias sem quadrinhos” de Thyago Cabral em Fortaleza. Foto: Fernanda de Façanha (2017).

Sobre o atual cenário do grafite em Fortaleza, Thyago Cabral considera que nunca esteve em tanta efervescência, já que há vários grupos, alguns até novos, pintando

⁴ Entrevista concedida pelo artista visual Thyago Cabral realizada dia sete de fevereiro de 2017. A entrevista foi feita para o primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade”.

e experimentando na rua. O artista visual destaca que as equipes de diferentes participações e contribuições à cidade já estão obtendo reconhecimento nacional e internacional. “Desde que eu to em Fortaleza, há 15 anos, é o período que mais eu vi tanto o envolvimento de artistas, como da própria sociedade reconhecendo e até de empresas patrocinando e dando condições para essa produção local”, destacou.

Ao ser questionado se Fortaleza aceita o grafite, Marcus Venicius Martins, conhecido como Marquinhos Abu, 40, grafiteiro há 28 anos, explicou que quando grafita algo questionador é possível que muitas pessoas não entendam. Abu, abreviação de abutre, um personagem de desenho animado, cuja as costas são envergadas, sobrevive exclusivamente do grafite há 6 anos. Trabalhou como mecânico de refrigeração durante 18 anos e prestava serviço a grandes empresas.

Marquinhos iniciou no grafite a partir do movimento *hip hop* nos anos 80 no Ceará. Segundo ele, o *hip hop* possui quatro elementos: o *break* (dança), Dj, *rapper* e o grafite. Assim, o movimento une a música, desde seu ritmo à composição, à dança, por movimentos corporais característicos e pelo desenho. “Que são essas quatro coisas que faz o *hip hop* acontecer, porque é o corpo se movimentando na cidade por várias linguagens, pela linguagem visual, física, motora e pela linguagem musical, pelo som”,⁵ destacou.

Para ele, o motivo que o fez conhecer e entrar no grafite foi a identificação com os outros meninos que faziam a arte. “Você tinha alguém exatamente como você, da mesma cor [de pele] que passavam as mesmas dificuldades fazendo uma coisa muito legal”.

Conforme a vivência e a experiência de Marquinhos, no Ceará, o Movimento *Hip Hop* Organizado do Ceará (MH2O), foi desenvolvido durante o período de 1980 a 1996, esse movimento é considerado um dos pioneiros do *hip hop* no Ceará. O MH2O realizava formações sobre os quatro elementos do *hip hop* para os participantes. “A sede era no Conjunto Ceará, todo mundo ia para as rodas de *break* no bairro. Mas em 96 aconteceu uma separação, porque já existiam algumas tendências políticas dentro do movimento, algumas pessoas concordavam, outras não e acabou separando.”, completa.

Segundo o grafiteiro, o surgimento do grafite em Fortaleza advém principalmente a partir do movimento *hip hop*. “Mas ele chega à Fortaleza também de

⁵ Entrevista concedida pelo grafiteiro Marquinhos Abu realizada dia sete de fevereiro de 2017. A entrevista foi feita para o primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade”.

outra forma que é através só da *tag*. É o que as pessoas chamaram e naturalizaram como pichação”, explicou Abu.

Para Abu, a *tag* é a assinatura do grafiteiro. Ela é o nome ou o pseudônimo do artista, mas entende-se como a maneira que o grafiteiro se identifica dentro da cidade. Segundo Marquinhos, o Brasil é um dos poucos países que há a separação do que é grafite e pichação.

Então, o que no Brasil se chama de pichação, no resto do mundo são chamados de *tag*. É um discurso que tenho ouvido muito na produção do Festival Concreto, da qual eu faço parte, tenho contato direto com artistas internacionais e eles ficam impressionados com a quantidade de *tags* que tem em Fortaleza. A gente só perde praticamente pra São Paulo.

Além disso, Marquinhos explicou que o grafite possui sublinguagens, com diferentes formas de escrita e de desenho. Elas são utilizadas de acordo com a escolha e a preferência do artista, assim na cena uma não sobressai à outra. “A *tag* é a assinatura, tem o *throw up*, o *peace*, o *wild style*, os personagens, tem o 3D e o *abstract* que eles são grafites com características diversas. É uma questão da escolha do artista”, conclui.

Ao ser questionado sobre o motivo pelo qual pessoas decidem pichar, Marquinhos acredita que é uma forma de resistência, mas a motivação não é consciente. Para ele isso ocorre já que, através do picho, indivíduos que vivem à margem da sociedade marcam com suas letras e seus nomes um espaço que não é seu e com a marcação do nome em um muro, acaba ocorrendo uma forma de pertencimento àquele lugar. “Nem todos eles têm a dimensão do que é isso na cidade, não acho que estão pensando a cidade. Mas de certa forma é um jeito de você resistir. É uma reação natural de sobreviver e existir na cidade”, explicou.

De acordo com Celso Gitahy (2011), em “O que é grafitti”, o autor explica que o grafite surge a partir das artes plásticas e a pichação através da escrita de palavras ou letras. Para Gitahy (2011), no Brasil, inicialmente, a pichação possuía um caráter exclusivamente político. Com a popularização do ato, houve além de palavras de ordem nos muros, declaração de amor, piadas ou apenas o nome do artista.

Gitahy (2011) enfatiza que no Brasil os escritos nos muros nem sempre foi tolerada ou permitida. O autor completa que tanto o picho quanto o grafite carregam características transgressoras e por isso não combinam com ditaduras. “Durante os anos da ditadura militar, em meio à censura e ao clima autoritário, quase não se viam paredes rabiscadas em São Paulo” (GITAHY, 2011, p.22).

Entretanto, o grafite além de ser visto como um enfeite na cidade também tem sido considerado um produto, já que empresas e comércios pagam por uma “pintura” em seus muros, dentro ou fora dos estabelecimentos. Com isso, os autores Glória Diógenes, Ricardo Campos e Cornelia Ercket (2016), no artigo “As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas” publicado na Revista de Ciências Sociais (2016), observam que a arte urbana tem sido gradualmente institucionalizada e mercantilizada. “Com um maior reconhecimento por parte dos poderes públicos e com uma ligação crescente ao mercado da arte”, (DIÓGENES, Glória, CAMPOS, Ricardo, ERCKET, Cornelia, 2016, p.14).

Marquinhos considera que o mercado, não só em Fortaleza, mas também ao nível nacional, transformou e separou os quatro elementos do hip hop, já que o grafite deixou de ser um estilo de vida e passou a ser algo com capacidade de compra e venda.

Hoje o grafite ele é produto, mas o grafite que é produto ele não é o grafite real O grafite ele não vai pra galeria, o grafite é pra estar na rua. Ele só consegue ir pra galeria quando é fotografia ou vídeo, aí é o grafite na galeria. Agora pintar na galeria é uma técnica do grafite sendo utilizada, é outra coisa completamente diferente.

Atualmente, o grafite tem sido mais aceito socialmente. Na época em que começou a grafitar, em 1988, Abu frequentava uma escola abandonada no bairro Jereissati em Maracanaú. Para ele, o lugar apresentava a cena do *hip hop* já que havia um grupo de pessoas dançando, outro riscando as paredes e outro tocando com alguém rimando. Ele observa que atualmente os motivos para os indivíduos entrarem no cenário do grafite são outros que não estão necessariamente ligados ao movimento inicial.

Marquinhos explica que os artistas que fazem o grafite atualmente possuem outra formação que não advém necessariamente do *hip hop* que intitula de “geração *YouTube*”. “Em 96 a gente teve um hiato de quatro anos, até a geração *YouTube*. A geração *YouTube* no ‘boom’ dos anos 2000, com a internet, aprendeu a grafitar. Muita gente que faz o grafite hoje aprendeu a fazer vendo a galera pintar no *YouTube*”, comentou.

Outro artista de Fortaleza, Artur Bombonato, cria seus desenhos de pessoas que darão vida às cores preto e branco a partir de fotografias que ele faz em praças públicas da cidade. De olhos atentos, fala mansa e orelha com uma pincelada de tinta preta por causa da obra que ele se dedicava antes da entrevista, Artur explicou que começou a grafitar há cinco anos. Na época, deixou de trabalhar com comércio exterior, profissão

a qual se formou, por não ter se identificado durante sua formação acadêmica. Iniciou com grafite à mão livre e, após conhecer outras técnicas e desenvolver seu próprio traço, passou a utilizar rolinhos, tinta látex nos muros e criar telas a tinta óleo.

Para ele, o cenário da arte urbana em Fortaleza vem crescendo já que há muitas pessoas fazendo essa arte com diferentes estilos e influências. Bombonato considera que apesar de haver poucos grafites, um importante influente para a produção e divulgação do grafite em Fortaleza tem sido o Festival Concreto, que ocorreu nos anos 2013, 2015 e 2016. Em seu depoimento, Artur enfatizou que o festival foi uma oportunidade para ele conhecer e entender o processo de uma carreira de um artista urbano, na qual ele iniciava. “Tem muita gente massa fazendo grafite em Fortaleza com estilos diferentes. O Concreto criou uma rede muito grande de contatos, de fora e com o Brasil todo”, refletiu.⁶

Com pinturas cheias de ilusões e traços que se transformam em outras formas, as obras de Artur, características nas cores preto e branco, chamam a atenção de quem vê. Rostos deformados, corpos na maioria de homens fazendo diferentes atividades cotidianas, como sentar em uma cadeira, capinar e andar na rua. Bombonato explicou que uma das suas maiores influências no grafite é o espanhol Gonzalo Borondo que também trabalha com imagens humanas, cores em tons pastéis, preto e branco.

Contudo, Artur Bombonato explicou que para ele a relação entre a arte e a cidade se dá a partir dos contrastes vistos e percebidos no meio urbano e que isso o inspira. “Fortaleza e qualquer cidade, tem muito contraste e muito estímulo para criar e se inspirar. O meu maior estímulo é a cidade mesmo, as contradições, e eu relaciono meu trabalho muito a isso, as relações das pessoas. não a pessoa em si”, relatou o artista urbano.

Quando pinta em muros, Artur aproveita as imperfeições, cor e textura da parede, transformando sua obra em algo que vai além da busca da perfeição. Nos trabalhos em tinta a óleo ele tem utilizado uma espátula em vez do pincel. A escolha foi obtida já que para ele a ferramenta facilita trabalhar com camadas e sobreposições, possibilitando outra composição à obra.

⁶ Entrevista concedida pelo artista urbano Artur Bombonato realizada dia oito de fevereiro de 2017. A entrevista foi feita para o primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade”.



Intervenção de Artur Bombonato em Fortaleza. Foto: Fernanda de Façanha (2017).

Para ele, essa forma de pintar assemelha-se com o desenvolvimento de uma cidade, principalmente a de Fortaleza.

“Comecei pintando na rua e depois em tela e percebo que na tela algo faltava, estava muito perfeito. Comecei a pintar só com espátula, tiro e boto tinta. Tirando camada e botando camada, que tem tudo haver com o processo de desenvolvimento da cidade: o que é Fortaleza senão uma cidade que foi construída, destruída e reconstruída? Cheia de falhas e imperfeições que está refletindo no meu processo agora”, conclui.

Ricardo Campos (2016) observa que as cidades estão em constante mudança, pois não querem estar paradas no tempo e assim transformaram-se em territórios dinâmicos.

As cidades são uma alegoria dos novos tempos, marcados pela rapidez, pela conectividade, pela invenção, pela metamorfose, pela imagem. As cidades, de forma a tornarem-se atractivas, são alvo de operações plásticas constantes que visam tornar a sua figura mais agradável (CAMPOS, 2016, p. 53).

Para os autores Glória Diógenes, Ricardo Campos e Cornelia Ercket (2016), o grafite é considerado como uma forma antiga, tradicional e universal de comunicação.

Assim, a arte urbana é apontada como uma expressão subversiva e inusitada de ocupar o espaço e a paisagem urbana.

Diógenes, Campos e Ercket (2016) analisam que cada indivíduo tem um olhar diferente sobre a cidade. Para os grafiteiros o modo como cada um enxerga a cidade influencia na criação e produção da técnica utilizada para grafitar, desde o traço, os personagens ou as letras.

O modo como olhamos para a cidade constitui uma experiência subjetiva que nos conduz à construção de memórias, imaginários e afetos muito particulares. Se a cidade se comunica visualmente de múltiplas formas, também é verdade que os diferentes territórios possuem características singulares que se expressam na paisagem (DIÓGENES, Glória, CAMPOS, Ricardo, ERCKET, Cornelia, 2016, p.12 e 13).

O modo de olhar a cidade fez com que o adolescente Josué Peixoto, de 15 anos, começasse a se expressar pelos desenhos que desenvolvia, já que sempre gostou de desenhar. Começou copiando outros desenhos que via na televisão, com a prática foi criando seus próprios personagens. “Depois de muito tempo desenhando no papel, que fui começar a pintar na parede”⁷, afirmou. Além disso, passou a frequentar eventos e mini cursos que aconteciam no bairro Edson Queiroz, onde reside. Nestes locais, grafiteiros que Josué já tinha como referência, como o Tubarão e Crash, ministravam as oficinas e ajudavam os iniciantes.

O adolescente passou a perceber o grafite como uma forma de expressão, uma arte para a comunicação com a cidade. Josué também observou que seus grafites podem passar interpretações diferentes dos sentimentos dele. “Por que eu gosto muito de me expressar através dos meus desenhos e pela parede eu posso me comunicar com as pessoas que passam. Não só uma coisa pra mim. Às vezes, eu posso colocar uma coisa na parede e que uma pessoa entenda diferente do que eu quis passar”, analisou Josué.

Para os autores Diógenes, Campos e Ercket (2016) as ruas possuem características peculiares nos centros urbanos, de acordo com a intensidade e a velocidade de cada local. Assim, as imagens e os escritos que estão na cidade também acompanham esse ritmo.

⁷ Entrevista concedida pelo grafiteiro Josué Peixoto realizada dia 13 de fevereiro de 2017. A entrevista foi feita para o primeiro capítulo do livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade”. A responsável do adolescente, Ana Cristina Peixoto, autorizou a entrevista o seu uso no livro.

As imagens que se multiplicam nas cidades, nas intervenções consideradas legais e ilegais movimentam-se, também, entre visualidades que se dispõem nos contextos urbanos, nas argamassas materiais da cidade e outras que se deslocam e desdobram-se entre esse âmbito e as esferas do ciberespaço (DIÓGENES, Glória, CAMPOS, Ricardo, ERCKET, Cornelia, 2016, p.13).

De acordo com Ricardo Campos (2016) os espaços habitados pelo homem são modificados em função aos interesses e aos desejos humanos. O autor contextualiza que todo ato realizado em um contexto cultural possui um sentido e conclui que a paisagem vista por nós é a acumulação das intervenções humanas. Dessa forma, o autor considera que a cidade é feita para ser vista. “A cidade é, em muitos sentidos, feita para se ver, e o olhar sempre foi um dispositivo essencial de orientação neste meio, como, aliás, alguns dos autores clássicos em ciências sociais assinalaram nas primeiras décadas do século passado” (CAMPOS, 2016, p. 51).

Considerações Finais

A experiência da investigação que proporcionou elaborar um livro-reportagem sobre a comunicação na cidade tendo como referência central o grafite produzido em Fortaleza nos permitiu a vivência com os artistas, possibilitou a realização de entrevistas a criação e elaboração do produto no formato jornalístico.

O grafite muitas vezes utiliza da livre inspiração com origem da experiência do artista na rua, sendo assim denuncia frente às limitações da vida social. Neste sentido põe-se como atitude democrática de afirmação de uma outra cidadania possível. A intuição e técnicas, como as “mãos livres”, contribuem para a definição da identidade, bem como a produção de significados e sentidos na urbe. Os grafiteiros, conseqüentemente o grafite, têm se mostrado algumas vezes carentes de apoio institucional devido a falta de atenção de instituições públicas governamentais - Estado e Município - aos gritos que são diariamente escritos nas paredes. Outras vezes há a atenção destas instituições, já que apoiam os desenvolvimentos de projetos e eventos na cidade que contemplam, de alguma forma, o grafite ou a arte urbana.

Entretanto, estes responsáveis ainda têm de compreender a função primordial do grafite que, antes mesmo de embelezar, pode ter a proposta de ser um ato de resistência, protesto em busca de comunicar algo a algum público. A beleza, advinda do grafite como arte, pode ser vista como uma consequência neste processo que ainda está em

desenvolvimento em sua abrangência de público e adesão de novos artistas ao movimento.

O livro “Ruas e cores: O grafite como arte viva na cidade” tem o objetivo de contemplar sobre as diferentes vozes do grafite em Fortaleza, mostrando histórias, argumentos, resistências e resultados que essa intervenção possui na capital cearense. Com as entrevistas realizadas e as opiniões distintas escritos em cada capítulo, o livro apresenta uma polifonia a partir do contexto colocado nas reportagens. Os outros capítulos serão temas de futuros trabalhos acadêmicos, são eles: “Encontros entre arte e cidade”, que informa sobre os atuais e os primeiros eventos e festivais de grafite que aconteceram em Fortaleza, e “De quem é o patrimônio?”, que a partir de uma entrevista ping pong com arquitetos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) discute sobre a relação entre grafite e o patrimônio histórico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, Tarcísio Bezerra Martins; MARINHO, Lucas. Muros que falam: a comunicação na cidade. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 30, p. 99-114, jan./jun. 2015.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e Invisibilidades Urbanas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 49-76, jan./jun, 2016.

CAMPOS, Ricardo. **Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica ao Graffiti Urbano**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

DIÓGENES, Glória; CAMPOS, Ricardo; ECKERT, Cornelia. As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 11-24, jan./jun, 2016.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.